



A EVOLUÇÃO DA DOCTRINA MILITAR DOS EUA — NOVAS IDÉIAS

Roosevelt Wilson Sant'Ana

O Curso de Atualização dos Diplomados da ECEME, agora estruturado em novos moldes, vem divulgando excelente matéria sobre a evolução da Doutrina Militar. Este artigo do Ten Cel Roosevelt Wilson Sant'Ana, transcrito do Informativo nº 2 — CADECEME 86, é fruto de observações feitas pessoalmente nos Estados Unidos e focaliza o que há de mais moderno sobre a doutrina militar americana, como produto de estudos e experiências históricas recentes, como se vê.

INTRODUÇÃO

O Exército dos Estados Unidos tem desde 1982 uma nova doutrina. Devido à abrangência mundial das Forças Armadas deste país, é forçoso que dediquemos um pouco de nossa atenção aos novos conceitos elaborados para guiar o emprego de suas forças terrestres.

O aspecto mais interessante nesta nova concepção norte-americana é o enfoque dado à evolução como algo necessário e vital para a elevação da operacionalidade.

O manual FM 100-5 Operações é a base de todo o conceito doutrinário do Exército dos EUA. Sua versão anterior, editada em 1976 e severamente criticada por todos os escalões e setores do

Exército, apresentava a doutrina rotulada sob o nome de Defesa Ativa. O seu próprio nome, não oficial mas consagrado pelo uso, indicava a sua maior vulnerabilidade: abdicava da ofensiva como meio de se obter a vitória.

O reconhecimento do fato de que vivemos em um mundo de rápida transitoriedade, caracterizado pela aceleração cada vez maior nas mudanças em todos os campos da atividade humana, é parte inerente desta nova doutrina, denominada "Airland Battle", que considera seriamente as influências exercidas pelos fatores de mudança, particularmente o tecnológico, na arte e ciência da guerra.

As razões para a mudança, a criação da doutrina e a implantação da nova organização resultante são aspectos que merecem uma análise para obtenção de excelentes ensinamentos.

Vamos, ao longo deste trabalho, procurar abordar algumas

idéias mais importantes sobre a atual doutrina, as razões de sua criação e os principais aspectos de sua implantação. Trata-se apenas de, devido ao limitado escopo deste, procurar contribuir para o levantamento, por parte do leitor, de idéias e similaridades com o nosso Exército, deixando de lado a tendência de pura e simples cópia de princípios ou organizações, não mais cabíveis no atual estágio de desenvolvimento de nossa doutrina.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA NOVA DOCTRINA

a. A definição dos níveis das operações.

São definidos três níveis de operações na guerra: o nível estratégico, o operacional e o tático. O quadro da figura nº 1 nos dá uma idéia sobre as características de cada um destes níveis.

NÍVEIS DAS OPERAÇÕES

Nível	Forças	Atividade	Localização
Estratégico	Forças Armadas	Guerra (meses) Campanhas (semanas)	País Teatro(s)
Operacional	Grupo de Ex Ex Corpo, Div	Campanhas (semanas) Batalhas (dias)	Teatro Local
Tático	Corpo, Div, Bda, Btl	Batalhas (dias) Combates (horas)	Local

Ressalte-se o nível operacional, como o elo de conexão entre a tática e a estratégia e abrangendo o emprego de grandes unidades em campanhas, dentro do quadro estratégico do Teatro de Operações. Uma similaridade a este conceito é encontrada na definição do Exército de Campanha de nossa doutrina, embora o nível operacional não seja especificamente considerado por nós. Este conceito traduz, ainda, uma influência européia na doutrina norte-americana, pois o mesmo é utilizado também pelos alemães e russos.

b. Os Conceitos Operacionais.

São considerados conceitos operacionais:

1) Iniciativa — definida como ganhar e manter a liberdade de ação. Decidir e agir mais rápido que o inimigo, mantendo-o sob constante desequilíbrio, reagindo a cada ação. É a forma visualizada de conquista e manutenção da iniciativa.

2) Profundidade — rotulada sob o nome de "Deep Battle" ou ação em profundidade, resume-se em buscar, através dos meios de busca de alta tecnologia, os elementos de manobra inimigos ainda não engajados e retardá-los, neutralizá-los ou destruí-los, visando a evitar o seu emprego futuro.

3) Agilidade — significa perceber e explorar rapidamente vulnerabilidades momentâneas apresentadas pelo inimigo, com ações potentes e rápidas, visando a fazer com que ele engaje o seu poder de combate por partes, sem emassá-lo.

4) Sincronização — de todas as ações na direção do cumprimento da missão ou da concepção de manobra do comandante (ou sua intenção). Implica em uma orquestração perfeita das ações em profundidade, aproximadas e de retaguarda.

Estes conceitos operacionais parecem demonstrar mais uma influência germânica na elaboração da doutrina.

c. Visualização do campo de batalha.

A doutrina visualiza as ações de combate como decompostas em três áreas, distintas mas integradas: retaguarda, aproximada e profunda. Estes três combates diferenciam-se entre si pelos escalões envolvidos e pelos meios empregados, mas se complementam em suas ações. Cada escalão combate o escalão inimigo correspondente e busca identificar, através de seus meios, os elementos em profundidade para ação do escalão imediatamente superior. É dada particular atenção às ações de defesa de área de retaguarda em virtude da doutrina do inimigo, o Exército Soviético, que também prevê ações em profundidade.

Os meios para a execução em profundidade são os helicópteros de ataque, a artilharia de tubo e de mísseis, o apoio aéreo aproximado, a interdição aérea, a guerra eletrônica e outros meios de interdição. O helicóptero de ataque é considerado o melhor meio de execução destas ações, que visam particularmente as reservas blindadas inimigas ou seus elementos de choque organizados em elementos

especiais (o chamado Grupo de Manobra Operacional), destinados a aprofundar penetrações obtidas pelos elementos em primeiro escalão.

A Europa é o ambiente para o qual foi modelada a doutrina. As características básicas de seu campo de batalha são áreas densamente urbanizadas, ações convencionais e nucleares, fluidez e não linearidade das ações, intensa guerra eletrônica, dificuldades de comando e controle, atuação em larga escala do poder aéreo, apoio administrativo restrito e ações continuadas. A inferioridade numérica (que se busca contrabalançar com superioridade tecnológica) é também considerada.

d. Operações.

As operações conjuntas e combinadas são consideradas a regra geral. O desafio de compatibilizar meios materiais, humanos e procedimentos de toda natureza com as forças navais, aérea e de países aliados é ressaltado.

Há uma grande ênfase na ofensiva. Mesmo em situações de inferioridade, em que se adota uma atitude defensiva, a doutrina prevê a busca da iniciativa de ações ofensivas. Uma manobra defensiva, buscando a destruição do inimigo à frente do IAADA, é considerada válida e incentivada.

O escalão primordial de execução das ações em profundidade é o Corpo, correspondente de um modo genérico ao nosso Exército de Campanha.

A doutrina é mais orientada para o inimigo do que para o terreno. Considera que este empregará

seus meios de modo escalonado, procurando aproveitar com os escalões seguintes o êxito do primeiro em rápidos movimentos que buscam a retaguarda para obter uma decisão do conflito e impedir o emprego de artefatos nucleares. Leva em conta, ainda, a rigidez de comando e controle, com pouca iniciativa dos elementos subordinados, considerada pelos norte-americanos como uma característica da organização militar soviética.

As ações em profundidade nas operações ofensivas têm como finalidade evitar o reforço da defesa na zona de ação do ataque principal, abrir vias de acesso para os elementos do ataque principal e reduzir o poder de combate em geral do inimigo. Os principais alvos são os órgãos de comando, as reservas blindadas e os órgãos de apoio administrativo.

Na defensiva as ações em profundidade são executadas em uma área que vai da linha de contato até uma linha de controle, estabelecida para coordenação com o apoio aéreo. As outras finalidades são evitar o emassamento do poder de combate e criar oportunidade para ações ofensivas que desorganizem e retardem, causem o insucesso do ataque e reduzam ou destruam o poder de combate do inimigo. Em virtude das condicionantes européias, particularmente a pequena profundidade na defensiva, a manobra se caracteriza pela disposição da maioria de meios o mais à frente possível. É dada particular atenção às ações de defesa de retaguarda.

A dissimulação é realçada como meio de se obter a surpresa e evitar o confronto direto com os meios blindados inimigos. Esta é uma preocupação constante: evitar a maioria de meios do inimigo, desbordando-a e cercando-a em profundidade.

As operações aeromóveis e aereoterrrestres são de particular importância no cerco do inimigo.

A guerra eletrônica é ainda considerada como um meio para execução das ações em profundidade. A própria essência da doutrina depende dos meios eletrônicos de busca, uma vez que a primeira tarefa a ser executada nestas ações é descobrir os alvos compensadores para elas. O uso de sensoramento remoto é preconizado para obtenção de informações sobre o movimento de elementos de manobra do inimigo em profundidade. O estudo de situação de informações inclui o levantamento de áreas de interesse, onde são lançados sensores remotos para detectar a passagem de tropas. Estas áreas de interesse são levantadas para se definir a direção geral de emprego dos meios inimigos.

As minas espargíveis são consideradas como meio de interdição em profundidade. Lançadas por helicópteros, artilharia ou pela engenharia elas interditam, temporariamente, áreas do terreno, retardando ou dissociando a progressão inimiga.

e. Liderança.

O fenômeno liderança mereceu um tratamento especial por parte da doutrina. O exército está seriamente empenhado em de-

envolver lideranças em todos os escalões, considerando as características do campo de batalha do futuro, onde a iniciativa dos comandantes será vital para o sucesso.

AS RAZÕES PARA UMA NOVA DOCTRINA

a. Os desafios da guerra do futuro

O manual FM 100-5 Operações identifica os principais desafios que o exército norte-americano terá que enfrentar em um possível conflito no futuro e os apresenta como introdução à nova doutrina: as características do campo de batalha do futuro, liderança, operacionalidade e instrução.

As características do campo de batalha do futuro são: a inexistência de linhas nítidas de confrontação, com operações continuadas e de alta mobilidade; o emprego de sistemas de armas de alta eficácia e letalidade; o uso intenso do sensoramento remoto e guerra eletrônica; a possibilidade de emprego de armas químicas e nucleares; dificuldades de comando, coordenação e controle; atuação do poder aéreo ampliada; apoio administrativo sujeito a restrições e combate em áreas urbanizadas e densamente povoadas.

A natureza fluída do combate realçará a necessidade de liderança eficaz em todos os escalões.

O início das hostilidades proporcionará prazos de alerta muito curtos, talvez de horas, o que oca-

siona a necessidade de prévio planejamento e manutenção constante dos níveis de operacionalidade das forças terrestres.

A preparação dos combatentes para este tipo de combate necessitará de métodos de instrução de elevada eficácia, tornando-se preocupação constante dos comandantes em tempo de paz e após o início das hostilidades.

A estes desafios soma o mural o fato de que as forças armadas dos EUA deverão estar aptas a defenderem os interesses norte-americanos em qualquer parte do mundo, tendo que se preparar para lutar em ambientes altamente diversificados, em condições extremamente variadas.

b. A Guerra do Vietnam.

Este conflito exerceu considerável influência no pensamento militar norte-americano. Por ser tão recente, seus efeitos ainda estão em avaliação, mas já se notam as conseqüências de uma guerra que resultou, segundo a visão dos militares, em uma série de vitórias táticas obscuras por uma derrota política. A atuação do exército no Vietnam gerou crises de todos os tipos na sua estrutura, desde os escalões mais elevados até os mais baixos. A doutrina, voltada para os pequenos escalões, afastou-se progressivamente do território europeu, sem contudo conseguir adequar-se a um conflito de características especiais, que até hoje não são bem compreendidas pelos meios militares dos EUA, altamente especializados e profissionais em sua organização, mas dotados de escassa cultura geral ne-

cessária à compreensão de um fenômeno que ia além do quadro de um conflito armado.

A nova doutrina retornou o foco de atenção dos EUA para a Europa. Os conflitos do tipo Vietnam, foram abordados em regulamento específico denominado Conflitos de Baixa Intensidade, que apresentam maior probabilidade de ocorrência, mas são considerados de menor perigo para a sobrevivência do país, merecendo pois atenção mais secundária do âmbito militar, sendo da alçada do campo político.

c. Os exemplos históricos

Em sua abordagem de evolução doutrinária os norte-americanos procuraram olhar para o passado em busca de exemplos. A constatação foi de que, em todos os conflitos em que se viram envolvidos, os EUA não possuíam, por ocasião do início das hostilidades, uma doutrina adequada às realidades da ocasião. Este problema foi atenuado com o passar do tempo e a experiência ganha em combate, pois no passado havia tempo para adaptações e evolução durante o desenrolar das ações. A análise desses exemplos ressaltou também que, nas atuais circunstâncias, não haveria mais a flexibilidade de adaptação durante as hostilidades, em virtude da rapidez das operações visualizadas e das modificações drásticas provavelmente causadas pelo conflito na estrutura mundial.

d. O ritmo da inovação tecnológica

A evolução da tática tem sido sempre posterior à da tecnologia.

Na maioria dos exércitos do mundo, a tradição e os conceitos arraigados dificilmente cedem lugar às novas idéias com facilidade. O exemplo do emprego do carro de combate, que desequilibrou sensivelmente o estágio inicial da Segunda Guerra Mundial, tornou evidente este descompasso. As evidências anteriores mostram que as inovações tecnológicas foram subutilizadas na guerra por falta de táticas adequadas ao seu potencial. O ritmo de mudança tecnológica, exponencial, sempre foi seguido de longe pelo da tática, linear, ou mesmo reprimido pela tradição e aferramento a doutrinas anteriores.

Neste sentido a doutrina da "Airland Battle" procurou não só acertar o passo com a tecnologia, mas também ousar, criando táticas que demandassem novas tecnologias.

Pela primeira vez a evolução do pensamento tático passou a gerar a necessidade de novas tecnologias. Esta é uma mudança sem precedentes na história dos conflitos armados da humanidade e, certamente, suscita muitas dúvidas sobre a sua validade.

e. Uma resposta a um inimigo definido

Ao definir como prioritária para os seus interesses a área europeia, os EUA definiram o seu principal inimigo e puderam criar uma doutrina baseada nas características deste. Na verdade, boa parte das idéias do "Airland Battle" pode ser encontrada em escritos de militares russos de até mesmo vinte ou trinta anos atrás. O estudo

aprofundado da doutrina soviética foi, por certo, uma fonte inspiradora da nova doutrina.

f. O moral do Exército Norteamericano

Abatido pela guerra do Vietnã, e a impopularidade dela derivada, deprimido por uma doutrina que enfatizava um conceito extremamente defensivo e em estado de letargia pelo receio de novos fracassos na aplicação do poder militar no mundo, o Exército dos EUA procurou reformular-se de modo a voltar a ter a eficácia de períodos anteriores. A mudança do sistema de recrutamento para o voluntariado exigia um moral elevado e uma imagem positiva para se obter qualidade em pessoal. A cultura dos EUA é muito sensível à imagem do vencedor e bem-sucedido, e se tornava imprescindível rotular o Exército como algo novo, modificado, refeito dos fracassos passados e apto a exercer o seu papel de guardião dos interesses dos EUA em todo o mundo, particularmente na Europa.

g. A possibilidade de uma guerra convencional na Europa

As concepções estratégicas de emprego do armamento nuclear passaram da idéia generalizada do "guarda-chuva atômico" norteamericano sobre a Europa para a possibilidade de emprego de artefatos nucleares táticos em território europeu. Associado a isso, o crescimento numérico das forças convencionais e nucleares táticas do Pacto de Varsóvia geraram a possibilidade de um conflito localizado. A saída da França da OTAN retirou profundidade do

dispositivo defensivo da aliança e possibilitou a hipótese de uma rápida e avassaladora ofensiva soviética até as fronteiras francesas, combinada com ações em profundidade que imobilizassem os meios nucleares táticos da OTAN. Esta modificação, associada ao tempo demandado para consultas políticas, necessárias em caso de emprego de artefatos nucleares por parte de tropas da aliança, reduziu a margem de flexibilidade para uma defensiva em um conflito localizado, daí a atitude preventiva da doutrina com relação aos escalões seguintes das forças soviéticas.

O desdobramento de mísseis nucleares norte-americanos de médio alcance na Europa é também parte de um esforço para contrabalançar o poder de pressão militar exercido pelos soviéticos, sempre presente nas confrontações políticas européias. Este desdobramento se insere no contexto da "Deep Battle", ameaçando a URSS com a possibilidade de sofrer as conseqüências de um conflito em seu próprio território, fato historicamente temido pelos líderes soviéticos.

A CRIAÇÃO E A IMPLANTAÇÃO DA DOCTRINA

a. A criação e evolução da doutrina

A evolução da doutrina no Exército norte-americano é coordenada pelo TRADOC — Training and Doctrine Command (Comando de Instrução e Doutrina) que se encarrega de coletar informa-

ção de fontes diversas e ao mesmo tempo de testá-las em condições de combate simulado, verificando a sua validade, criando o corpo de princípios que configuram a doutrina como um todo. Ao que parece não existe uma metodologia sistematizada para a criação de uma nova doutrina, mas uma constante coleta de estudos, idéias e informações que conduzem a uma evolução permanente da mesma. A mudança radical em relação à anterior, ocorrida no caso da "Airland Battle", foi devida mais ao alto grau de crítica sofrido pela defesa ativa e um quase consenso geral de que havia algo de errado nela, dentro dos quadros da força terrestre. Isto indica que os altos escalões, responsáveis pela formulação dos conceitos doutrinários, são sensíveis ao "feedback" da organização e que há canais de comunicação abertos para tal.

Já há sugestões no sentido de se implantar uma metodologia para criação ou evolução da doutrina. É necessário compreender um pouco do contexto social dos EUA para analisar este aspecto: lá a evolução resulta muito mais do somatório de pequenas criações e inovações, oriundas de indivíduos ou pequenos grupos, do que de uma poderosa organização inovando de cima para baixo. Esta é a essência do poderio democrático americano, somente possível pela existência de uma grande quantidade de indivíduos com elevado grau de preparo, normalmente especializado, canais de comunicação eficazes para fazer a informação circular livremente e, sobretudo,

do, a preservação do direito de autoria que recompensa o indivíduo e o estimula a criar mais. A valorização do trabalho e a garantia absoluta dos direitos individuais é que geram a organização que, à vista dos menos avisados, parece engendrada para e não pela coletividade de esforços. É viável a criação da metodologia de evolução ou criação da doutrina, mas ela não diferirá muito do que se vem praticando hoje em dia e, se for demasiado inibidora da iniciativa individual, certamente gerará reações fortes.

Em síntese, a criação da doutrina é efetuada por uma organização que compreende um grupo superior, sob o qual estão, juntos, instrução e doutrina, proporcionando experimentação e avaliação. A existência de canais de comunicação com os elementos de execução (U, GU e Cmdos) e com as escolas permite a união da prática e da teoria, além de se obter uma avaliação do que foi recentemente implantado feita por aqueles mais de perto interessados: os usuários dos princípios e materiais resultantes da inovação.

Os passos desta evolução poderiam ser esquematizados da seguinte maneira:

- reconhecimento da necessidade de mudança
- coleta de idéias e informações
- definição da doutrina
- disseminação de informações sobre a doutrina
- implantação da nova doutrina

— instrução e reorganização da força para a doutrina

— avaliação de resultados

— modificações necessárias

b. A implantação, um problema específico

A distribuição às tropas de um novo equipamento é algo fácil de ser absorvido, bastando um processo de treinamento que modifique os métodos e comportamentos empregados pelo sistema antigo. Quando há, porém, uma modificação em larga escala de equipamento, métodos e doutrina, ao mesmo tempo, isto representa uma mudança radical, cujas consequências podem ser as mais diversas possíveis, indo desde a destruturação da organização até mesmo ao choque psicológico em indivíduos, se não houver uma preparação prévia para a mudança. É sabido o fato de que uma modificação ambiental gera tensões e reações em grupos de indivíduos trabalhando em uma organização. Quando esta organização abrange o mundo, como no caso do Exército norte-americano, estas modificações além de exercerem influências internas geram, também, consequências externas, particularmente em aliados com os quais os EUA estão pesadamente comprometidos, como na Europa.

A primeira preocupação do exército dos EUA foi, ao que parece, "vender" a nova doutrina através de uma campanha de esclarecimento interna e externa. Comunicação em larga escala foi empregada para divulgar a "Airland Battle", uma quantidade imensa de artigos foi escrita sobre

ela e um programa de implantação foi estabelecido sob o nome de "Force Modernization and Integration" (Integração e Modernização das Forças). Manuais de orientação aos comandantes em todos os escalões foram elaborados e a ECEME incluiu em seu currículo este programa.

O plano de implantação é mais detalhado à medida que se desce nos escalões da força e inclui a modificação das organizações dos Cmdo, GU e U, a instrução do pessoal, a aquisição, recebimento e colocação em operação de novos equipamentos, além de outros detalhes necessários à adaptação das estruturas à nova doutrina.

O manual de orientação do comandante enfatiza o processo de mudança e orienta como lidar com as implicações desta, abordando tópicos como: objetivos, o ciclo de integração, importância da liderança, administração da transição e outros. A resistência à mudança e como lidar com ela são aspectos realçados.

Liderança é um item considerado extremamente importante no processo global. A nova doutrina enfatiza a necessidade de desenvolvimento de liderança, em todos os escalões, apontando como razões as características do campo de batalha moderno, onde os comandantes freqüentemente se verão sós e sem orientação imediata de seu escalão superior e terão que tomar decisões rápidas que deverão ser orientadas para a missão, ou para a concepção de manobra do comandante. A influência da liderança no processo de implanta-

ção da nova doutrina é considerada vital para o sucesso. Uma nova visualização do fenômeno *liderança* foi desenvolvida. Ela procura ser mais pragmática e menos teórica na abordagem do assunto e merece um estudo acurado de nossa parte.

CONCLUSÃO

Há críticas a esta nova doutrina. Os argumentos mais interessantes são os que apontam as ações em profundidade como consumidoras de meios que podem comprometer o sucesso do combate aproximado, demasiado arriscadas e passíveis de cerco e eliminação, bem como possivelmente inútuas, pois poderão estar buscando em profundidade elementos de choque que o inimigo poderia guardar mais próximo aos elementos em primeiro escalão, como o Grupo de Manobra Operacional.

De um modo geral, no entanto, há uma grande motivação pelo que ela representa em termos de buscar a iniciativa e a ofensiva, gerando uma sensação de otimismo para o exército norte-americano. A assimilação de novas tecnologias, associada à possibilidade de encomendar inventos para satisfazer a necessidade tática, valorizou o combatente, colocando-o como fim e não instrumento da inovação tecnológica.

O processo de implantação está em curso e avança dentro dos cronogramas previstos. Problemas têm sido encontrados e uma luta constante pela garantia de recur-

tos no orçamento é travada para assegurar a continuidade do programa. A compatibilização de sistemas novos com os antigos e com os de aliados cria desafios de primeira ordem sobre os quais se debruçam os especialistas, com frequência.

Há resistência por parte dos principais aliados dos EUA na Europa. Estes admitem operações de interdição em profundidade, de caráter limitado porém, considerando arriscada a idéia central da "Deep Battle", aferrando-se à ideia da atitude defensiva, com o objetivo de restabelecer ou manter as fronteiras, receando adotar uma idéia ofensiva que intimide e exarcebe um vizinho poderoso como a URSS.

Os meios tecnológicos necessá-

rios à execução das operações previstas na "Airland Battle" necessitam ser desenvolvidos, particularmente os meios de busca eletrônicos integrados para todos os escalões, e demandarão recursos, que a situação política atual do país garante em parte, mas que poderão ser cortados em caso de mudanças futuras no governo.

É interessante para nós acompanhar e analisar a transformação por que passa o Exército dos EUA no momento, porque poderemos retirar importantes ensinamentos sobre o processo de mudança de uma força para se adaptar a novas realidades e exigências. Os princípios básicos deste processo não são absolutamente novos, mas a escala em que se verificam as transformações é inédita.



O Maj Eng Roosevelt Wilson Sant'Ana tem os cursos militares da AMAN, EsIE, EsAO, ECEME, Command and General Staff College (US Army, Fort Leavenworth) e diversos cursos civis nas áreas de Informática e Administração. Exerceu funções de Estado-Maior em BECmb e no 2º Cp4ECnst. É atualmente Instrutor da ECEME.